

# A CHRY SALIDA

JORNAL SCIENTIFICO LITTERARIO E NOTICIOSO

Redactor principal — o academico J. P. da Silva Guimaraes

ASSIGNATURA  
PARA A CAPITAL  
Por uma serie de  
16 numeros ..... 4\$500  
Número avulso 200 rs.

Publica-se duas vezes por mez em dias indeterminados  
e subscreve-se na rua do Ouvidor n. 42.

ASSIGNATURA  
PARA FORA  
Por uma serie de  
16 numeros ..... 5\$000  
Número avulso 200 rs.



## A CHRY SALIDA

S. Paulo, 4 de Março.

« Na edade em que os mancebos romanos revestiam a toga viril e deixavam os masculinos exercícios do campo de Marte pelas fadigas mais sérias e mais fecundas da guerra, os filhos das gerações modernas, deixando os descuidos da infância, vão esgrimir-se na arena talvez mais fertil, mais civilisadora é certo, da sciencia e das letras. »

Dizia-o ha nove annos uma das mais brilhantes intelligencias da nossa Faculdade de Direito, e pôde ser ainda hoje repetido com actualidade ao encetarmos a publicação do nosso jornal.

Nesse tempo entretanto, verdadeira edade de ouro da litteratura academica em S. Paulo, o espirito de associação estava em seu maior florescimento: o Ensaio Philosophico tinha a sua *Revista Mensal*, o Atheneu Paulistano os seus *Ensaios Litterarios*, o Culto à Sciencia as suas *Memorias*, o Club Scientifico os seus *Exercicios Litterarios*, o Amor á Sciencia os seus *Murmurios Juvenis*, a Brazilia os seus *Ensaios*, o Instituto Academic o seu *Kaleidoscopio*; a *Legenda*, o *Tymbira*, a *Revista Dramatica*, os *Esboços Litterarios*, o *Lyrio*, tudo isso publicava-se no mesmo anno, com interesse, com affan, com brilhantismo.

## FOLHETIM DA CHRY SALIDA

### CONTOS DA MEIA-NOTTE

I

### A ESMOLA DO DIABO

Per larga estrada, que atravessava uma planicie vastíssima, ia um mysterioso caminheiro de vestes esquálidas e ademan feroz.

Um amplo manto pardacento, rasgado em muitas partes, velava-lhe em alguns logares os andrajos; chapéu felpudo e desabado escoria-lhe a testa; forravam-lhe os pés duas grossas sandalias.

Assim, n'aquelle hora de ardente sol, caminhava elle, e seu andar era imponente e seu olhar ameaçador.

Ao longe, porém, n'uma sinuosidade do caminho, assomaram vultos.

O viajor os avistara, e de subito as feições assustadoras tornaram-se-lhe joviaes e de meiga bondade. A transfiguração foi admirável e completa.

Os outros, porém, já vinham a pouca distancia.

Era um velho cego que tropeçava a cada passo e um moço de rosto amavel que o conduzia pela mão.

Ao passarem pelo desconhecido, o moço fallou-lhe, estendendo o chapéu de pele:

— Uma esmola para o velho cego, meu senhor.

O homem do manto parou levou a mão aos bolços e atirou, risonho, uma moeda de cobre ao chapéu do mendigo.

A poesia era representada pelas *Harmonias Brasileiras*, a critica pelos *Estudos de Macedo Soares*, a oratoria por Mello Mattos (Luiz) ou por Theodomiro, a politica por Theophilo Ottoni ou Rangel Pestana, o folhetim por Belfort Duarte, os estudos do direito por Pinto Moreira, o romance por Couto Magalhães; e Pedro Luiz sucedia a Felix da Cunha, assim como Varella devia dentro em pouco receber inteira a herança de Bernardo Guimaraes.

Nesse tempo prendia e chamava toda aquella geração de moços ás luctas litterarias um laço poderoso e fecundo — o da fraternidade academica.

Quando um jornal aparecia em publico, abria-se para todos, era um campo de geral porfia, em que todos os talentos viuham provar-se.

Hoje os sizíquios cursistas, tomando muito ao serio o seu direito civil, como que chegaram a desdenhar dessa fide das letras que fez a gloria e os encantos daquella época.

Pois bem, a nossa modesta folha tem apenas um ficio: ser o echo, posto que tenue, daquelles vividos dias academicos, chamando a um centro commun os elementos dispersos, convidando as intelligencias que ainda hoje abrilhantam a nossa Faculdade, mas que se deixam ficar cada qual á sua parte, e intentando em summa uma verdadeira cruzada contra o espirito egoistico que tão profundamente lavra entre nós.

Este a passou ao velho, e seguia, dizendo:

— Obrigado, meu senhor. Deus o ajude.

E seguiram.

Já ao longe, o caminheiro que dera a esmola voltou para traz os olhos, e, ao desapparecerem os mendigos, um sorriso feroz passou-lhe pelos labios e seus olhos brilharam com fulgor sinistro.

Tres horas depois, cruzavam os umbraes de uma taverna o velho cego e o moço conductor.

— Venda-nos um pão, disse elle, pondo sobre o balcão a moeda de cobre que recebêra.

Uma creançã loira tomou o dinheiro e deu-lhe o pão. Recebendo-o, o moço retirou-se, levando o cego pela mão.

Chegando á sombra de uma frondosa arvore, á beira do caminho, o conductor disse ao velho:

— Paremos aqui, meu pai. Deveis ter fome: tome. E deu-lhe o pão.

— E não o queres tu?

— Não, senhor.

O velho apoderá-se do pão e come-o com avidez.

De subito deixou-o cahir, gritando em voz medonha e afasada:

— Pedro!... meu filho!... vem... corre!... que horror!!!...

O moço voltou-se sobresaltado. Seu pae fazia horriveis visagens, procurando com as mãos afastar de si alguma cousa.

— Que é, meu pae?... que é que tendes?!

O velho continuava inquieto:

— Afasta-o d'aqui, Pedro!... Salva-me, meu filho! Elle quer matar-me... Pedro!... onde estás?!! não me ouves?!! Vem...

— Falece, senhor! Que vêdes?... que sofreis?!!

E o pae fallava já em delírio:

Nesse intuito trabalharemos.

Só Deus sabe qual o resultado do nosso esforço.

## ENSINO LIVRE

Entre as magnas e diferentes questões que na actualidade mais são debatidas e sustentadas com vigor de ambos os lados por que são encaradas, nota-se a do ensino livre.

De alguns annos a esta parte grandes vultos, que se tem recommendado pelas sabias e solidas doutrinas que teem pregado, veem-se a braços com os argumentos fortes e importantes que esta questão tem appresentado, porque, sendo ella de tanta monta e de tão grande interesse para a mocidade que hoje levanta-se cheia de vida e de esperança no futuro, não podia por certo passar indiferente pela geração actual, que tem por divisa pugnar pelos seus direitos e pela garantia dos dos futuros seus irmãos.

Suscitando esta importante questão, temos em vista demonstrar o desejo ardente e sincero que nutrimos de que espalhe-se pelo povo a instrucção, afim de que elle não seja vítima de sua ignorancia tão fatal ao desenvolvimento e progresso da sociedade.

O primeiro e mais vulgar argumento de que lancam mão os que combatem o ensino livre é que quanto menos instruida for uma sociedade, tanto menos corrompida será ella.

— O demonio!!!... todo negro!... cercado de fogo... horror!!!!... Meu filho... Ai!...

E seu corpo tombou sem vida na terra dura do caminho.

Pedro correu para elle, quiz tomá-lo nos braços; mas o corpo do velho já estava gelidamente frio e, pouco depois, o pobre filho sentiu o mau humor que exhalava o corpo do pae, como si de ha muito estivera em putrefação!

Mas, uma fumaça que se erguia do chão attrahiu seu olhar.

Era o resto do pão que se abrasára e d'onde levantava-se uma fumaça espessa em negros rolos!

Pedro horrorizado tentou erguer o cadaver do pae; não pôde si quer mover-lo: pesava como si fôra de ferro.

O desventurado moço correu á taverna, que não distava muito d'allí.

No logar em que ella era edificada encontrou vorazes chamas que se erguiam em linguis rubras ao ar.

E lá, no meio das chamas, estava o desconhecido viajor que lhe dera a fatal moeda de cobre, e que recebeu-o com uma gargalhada estridente.

Seus olhos despediam fogo, e seus dentes horrivelmente amarellos rangiam medonhos.

Pedro recuou horrorizado.

O homem mysterioso ergueu-se... ergueu-se das flamas e, com estampido horrendo, desapareceu.

— Era o diabo!!!

Passados momentos, Pedro ergueu a cabeça, olhou ficto as cinzas, e afastou-se em correr vertiginoso.

Ao passar pelo cadaver do pae, seus labios entreabriram-se num gargalhada convulsiva e estridente.

Estava louco!

L. DE M.